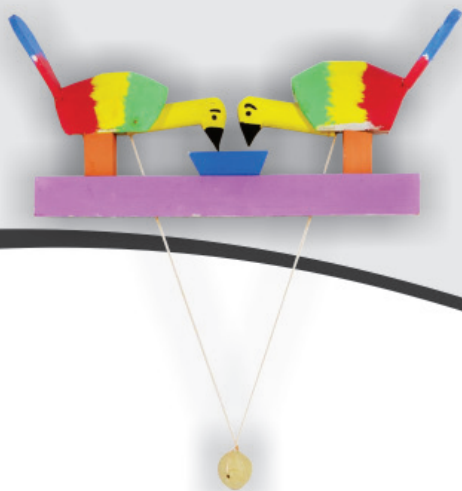




Josebel Akel Fares (UEPA)

José Guilherme Fernandes (UFPA)

Paulo Jorge Martins Nunes (UNAMA)

Abertura do Ciclo de Debates

Em nome da curadoria deste evento, composta pelos professores doutores José Guilherme Fernandes, da Universidade Federal do Pará, Paulo Nunes, da Universidade da Amazônia e Josebel Akel Fares, da Universidade do Estado do Pará, gostaríamos de dar boas-vindas a todos os participantes e apresentar brevemente o projeto Amazônias: paisagens, narrativas, sentidos, um dos oito projetos selecionados, o único da região Norte, entre os 260 inscritos, no edital Cultura e Pensamento - Debates, do Ministério da Cultura/ Secretaria de Políticas Culturais.

“Amazônias: paisagens, narrativas, sentidos” é uma proposta de ciclo de debates acerca das interpretações da Amazônia, marcadas pela diversidade das relações espaço-temporais, daí o título do evento referir-se a paisagens como espaço e narrativas como tempo, que projetam sentidos, interpretações dos variados lugares de enunciação, seja por meio dos discursos globais, nacionais ou locais. Assim, podemos entender como o mito das Amazonas acaba por designar a região e ressignificá-la, embora quase sempre, de forma equivocada, em função de uma manipulação enunciativa. Daí a necessidade de promover ações que ressignifiquem as formas de declarar a região a partir das mais diversas narrativas/representações, de diversos lugares de enunciação e experiências históricas e, por que não dizer, ideológicas?

A importância da realização de um projeto selecionado no edital Cultura e Pensamento pela primeira

vez em Belém, na Amazônia¹, representa para nós uma vitória da persistência e a possibilidade de aprofundamento de uma discussão que se estabelece há alguns anos. No histórico, uma ideia construída da experiência coletiva de professores, de cada uma das universidades envolvidas. Além de a ideia ter sido pensada por docentes das três maiores instituições de ensino superior do Pará, contamos com fundamental apoio de docentes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/Núcleo de Poéticas da Oralidade (que realizou o Amazônias Paraenses, em 2002), da Universidade Federal do Amazonas, da Universidade de Brasília, da Universidade de São Paulo e Pontifícia Universidad Católica del Perú. Assim é que desde já, agradecemos a parceria de nossas congêneres.

Esta ação conjunta pretende: a) Promover um espaço de discussão sobre a diversidade cultural amazônica, a partir de produtores e de pesquisadores da matéria, por meio de ciclos de debates temáticos; b) Registrar em áudio e vídeo as discussões, bem como popularizá-las nas diversas mídias, a fim de que um maior número de interessados tenha acesso aos resultados; c) Publicar, mediante editoras das instituições envolvidas, cadernos com resultados dos debates, para que componham acervo e currículo das IES. Esperamos também incluir anualmente este evento na agenda cultural da cidade e ampliar a representatividade de estudos sobre o tema e os territórios amazônicos.

¹ No Acre, houve um Diálogo Intercultural com o tema Tradições e traduções, em 2006.

O formato do debate foi pensado para dois dias, sendo duas mesas por dia, uma à tarde e à noite. As mesas redondas, com a duração média de duas horas e meia, contarão com a exposição de artistas, jornalistas e professores-pesquisadores de temas da Amazônia, de universidades locais, nacionais ou internacionais. As mesas de debates serão compostas por três debatedores (exceto a 1ª) e um coordenador da mesa, que funcionará como mediador do debate, em cada tema. Os resumos expandidos das comunicações de cada debatedor estão antecipadamente no blog (www.amazonias.blog.br) como forma de inserir, o público participante nas discussões a serem realizadas.

Deste modo, as mesas redondas foram organizadas de modo a contemplar essas discussões e estão dispostas da seguinte forma:

I Amazônias: territórios, fronteiras e culturas: tratará de assuntos relacionados à história social da Amazônia, pertinente aos movimentos migratórios e à flexibilização das fronteiras./ Coordenação – José Guilherme Fernandes (PA). Participantes: Lúcio Flavio Pinto – Belém (PA); Graça Silva – Belém (PA); Ricardo Nogueira – Manaus (AM); Rosa Acevedo – Belém UFPA.

II Estética amazônica: do local ao global: abordará as diversas linguagens simbólicas, considerando-se uma “poética” amazônica pautada no trânsito entre o local e o global./ Coordenação – Paulo Jorge Martins Nunes (PA). Participantes: João de Jesus Paes Loureiro – Belém (PA); Márcio Souza – Manaus (AM); Marisa Mokarzel – Belém (PA).

III Representações discursivas I: mito e imaginário na Amazônia: discutirá a construção dos discursos do imaginário mítico amazônico a partir da perspectiva do local, considerando-se mito como um discurso fundador de realidades./ Coordenação – Rosely Risuenho Viana (PA). Participantes: Jerusa Pires Ferreira – São Paulo (SP) Eduardo Jaime Huarag Álvarez – Lima (Peru) - Marcos Frederico Krüger Aleixo – Manaus (AM).

IV – Representações discursivas II: literaturas de viagem: abordará a construção de discursos de viajantes, na perspectiva do “Outro”, que enuncia a realidade amazônica na fronteira entre o mítico e o científico. Coordenação – Josebel Akel Fares (PA). Participantes:

Henryk Siewierski – Brasília (DF); Willi Bolle – São Paulo (SP). Amarilis Izabel Alves Tupiassu – Belém (PA).

A proposta temática está em conformidade com a linha de pesquisa do programa Populações e Territórios: o global, o nacional e o local no agenciamento de identidades e na diversificação da cultura, em razão do ciclo de debates aqui proposto ter como tema a diversidade de discursos na construção de identidades dos grupos sociais constituintes das culturas na Amazônia, particularmente reflexões sobre saberes e representações oriundas do popular, da academia, da mídia e das artes, priorizando-se a produção destes discursos mediante as práticas simbólicas de representação, o que nos leva a constituir as mesas de debates a partir do olhar das Humanidades. O fato de priorizarmos esse tema, decorrente da construção da imagem de Amazônia, dá-se em um campo simbólico demarcado por discursos ora solidários, ora autoritários, o que é reflexo imediato da origem das culturas amazônicas, assim como ocorre em grande parte com a América Latina, fruto de processos colonialistas e pós-coloniais.

A proposta efetiva-se mediante a discussão de intérpretes diversos e de diversos discursos, que abram canais de superação do isolamento dos guetos culturais na Amazônia, proporcionados, paradoxalmente, pela desterritorialização de indivíduos e grupos, em busca do Eldorado equatorial, engendrados pela propaganda do ouro e da terra. Exemplo disso é a segregação que grupos sociais ainda sofrem na Amazônia, usados como mão de obra barata e semiescrava, por sua origem étnica e/ou cultural, notadamente oriundos do Nordeste brasileiro. Ao abordarmos o tema em perspectiva de confrontação entre realidades e discursos, buscamos as lógicas e razões das diferentes culturas e grupos postos em contato, seja no meio urbano ou no campesino. Para, enfim, sinalizarmos com possíveis respostas à pergunta: “até que ponto ainda é possível esperar o surgimento de relações mais abertas com outras culturas, seus territórios simbólicos e imaginários? Quais os horizontes que se abrem com a recomposição de projetos nacionais, de sentimentos de pertencimento local, que dão atualidade à ideia de Estado-Nação?”

Antes de terminarmos esta apresentação, agradecemos aos debatedores convidados, as instituições e

peessoas que facilitaram os trânsitos internos ou estiveram presentes em todo o processo de construção do Amazônia:

FAPEX/ Secretaria de Políticas Culturais/ MINC, Rede Nacional de Pesquisadores; UFPA/ Pró-Reitoria de Extensão/ Curso de Mestrado em Letras (especialmente ao prof. Fernando Arthur Neves); UEPA/ Reitoria e Vice-reitoria / Programa de Pós Graduação em Educação/ CUMA (especialmente as prof^{as}. Graça Silva, Vasti Araújo); UNAMA/ Reitoria / Superintendência de Extensão (SUPEX)/ Núcleo Cultural (Prof. Francisco Cardoso); Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura/ Coordenação de Letras (especialmente a profa. Célia Jacob), Central de Produção Cinema e Vídeo na Amazônia: Márcia Macedo e toda equipe de produção.

E agora para encerrar, ouçamos o poema “A Lição do Rio”, de Thiago de Melo, nosso modo de reafirmar a presença do poético como forma de leitura da Amazônia.

“A Lição do Rio” – Thiago de Mello

Ser capaz, como um rio
que leva sozinho
a canoa que se cansa
de servir de caminho
para a esperança.
E de lavar do límpido
a magia da mancha,
como o rio que leva
e lava.

Crescer para entregar
na distância calada
um poder de canção,
com o rio que decifra
o segredo do chão.

Se tempo é de descer,
reter o dom da força
sem deixar de seguir.
E até mesmo sumir
para, subterrâneo,
aprender a voltar
e cumprir, no seu curso,
o ofício de amar.

Com o rio, aceitar
essas súbitas ondas
feitas de águas impuras
que afloram a escondida
verdade das funduras.

Como um rio, que nasce
de outros, saber seguir
junto com outros sendo
e noutros se prolongando
e construir o encontro
com as águas grandes
do oceano sem fim.
Mudar em movimento,
mas sem deixar de ser
o mesmo ser que muda.
Como um rio.

Belém do Pará, 2010.

